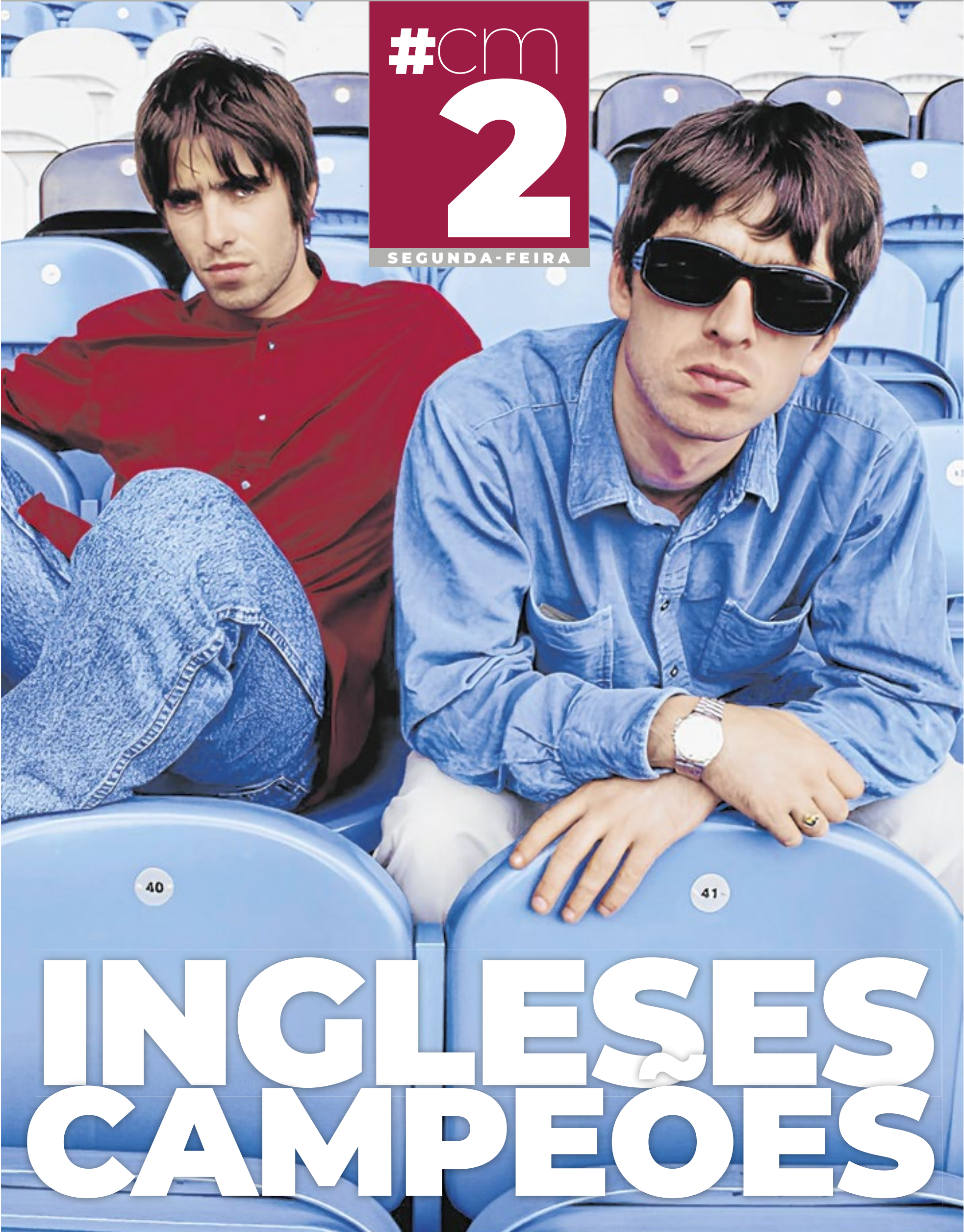




Kevin Cummins/Divulgação

INGLESEES CAMPEOES

Nem o **mais ácido dos humoristas britânicos** pensaria nessa situação. ‘Wonderwall’, o **hino não oficial da seleção da Inglaterra** na Copa atingiu o **#1 no Spotify Global**. Escrita em 1985, a **canção do Oasis**, que fala de redenção, **conquistou o mundo**, algo que o **futebol britânico** não consegue **há exatos 60 anos**. Página 2.

Impulsionada pela Copa do Mundo, “Wonderwall”, do Oasis, atinge o #1 global no Spotify 30 anos após lançamento

AFFONSO NUNES

A Inglaterra chegou à semifinal da Copa do Mundo no dia 15 de julho, e perdeu de virada para a Argentina por 2 a 1, frustrando mais uma expectativa de título. Mas enquanto o English Team voltava para casa de mãos vazias, uma canção inglesa conquistava o mundo: “Wonderwall”, do Oasis, atingiu o primeiro lugar do Spotify Global na mesma data, com 5,01 milhões de reproduções em um único dia — feito inédito para uma faixa lançada há mais de três décadas.

A jornada da música até os estádios começou de forma inesperada. Antes do torneio, cada seleção foi convidada a enviar uma lista de canções para serem tocadas nos estádios — aquecimento, comemoração de gols, pós-jogo. A Inglaterra incluiu “Wonderwall” ao lado de “Sweet Caroline”, de Neil Diamond, e “Hey Jude”, dos Beatles. O que fez dessa a escolha em fenômeno global aconteceu após a estreia: a vitória por 4 a 2 sobre a Croácia, em 18 de junho, em Dallas. Ao final da partida, os jogadores se aproximaram da arquibancada e, junto com a torcida, cantaram a música inteira. O capitão Harry Kane classificou o momento como um dos seus “favoritos de todos os tempos” com a camisa inglesa.

A cena se repetiu após cada vitória seguinte — contra a República Democrática do Congo nas oitavas, na goleada sobre a Noruega nas quartas —, com os coros crescendo a cada jogo. David Beckham, ex-capitão inglês, foi flagrado cantando com os filhos entre a torcida em Miami.

Por que essa letra, e não outra caiu no gosto do time e de sua apaixonada torcida? “Wonderwall” fala de salvação. O verso de abertura — “Today is gonna be the day that they’re gonna throw it back to you” — pode ser lido como hoje ser o dia do acerto de contas. O refrão — “Because maybe, you’re gonna be the one that saves me” — é a súplica de quem precisa ser resgatado. Para um país que não vence uma Copa desde 1966, a comparação é inevitável: a esperança de que esta seja, finalmente, a vez da seleção com os três leões na camisa, a pátria que in-



A fantástica sinergia entre seleção inglesa e sua torcida nasceu com o hit ‘Wonderwall’ entoado nos estádios estadunidenses

Uma canção, uma seleção, uma nação unida



Noel e Liam Gallagher: entre tapas e beijos, os irmãos briguentos são surpreendidos com o revival de um velho sucesso

ventou o futebol.

Noel Gallagher, que escreveu a canção, disse em entrevista à BBC em 2002 que ela tratava de “um amigo imaginário que vai vir te salvar de você mesmo” — uma ambiguidade que permite a cada um atribuir à música o significado que precisar. O meia Morgan Rogers sintetizou o sentimento do elenco: “Se você não sabe a letra, não é inglês. É melhor

aprendê-la rápido.”

Lançada em 30 de outubro de 1995 como quarto single do álbum “(What’s the Story) Morning Glory?”, a faixa foi escrita por Noel e interpretada por Liam, seu irmão e vocalista da banda. Produzida nos estúdios Rockfield, no País de Gales, por Noel e Owen Morris, chegou ao segundo lugar no Reino Unido e ao oitavo nos Estados Unidos. O

título veio de “Wonderwall Music”, álbum instrumental que George Harrison lançou em 1968 — primeiro trabalho solo de um Beatle. No Reino Unido, acumula 4,8 milhões de unidades, com nove discos de platina. Liam, porém, já declarou que detesta cantá-la: “Toda vez que tenho que cantar essa música, quero vomitar”, disse o polêmico vocalista à NME em 2008.

A relação entre os irmãos Gallagher é tão conhecida quanto a própria canção. O Oasis foi formado em Manchester no início dos anos 1990, e as tensões começaram cedo: em 1994, Liam alterou a letra de “Live Forever” em um show em Los Angeles e atacou o irmão com um pandeiro. Em 2000, trocaram socos em Barcelona após comentários de Liam sobre a filha recém-nascida de Noel. O fim da banda veio em 2009, no festival Rock en Seine, em Paris, quando Noel anunciou: “Simplesmente não conseguia trabalhar com o Liam nem mais um dia.” Durante 15 anos, não dividiram um palco.

A reconciliação foi anunciada em agosto de 2024, e a turnê “Live ‘25” começou em 4 de julho de 2025, em Cardiff. No Brasil, a banda tocou nos dias 22 e 23 de novembro de 2025 no Morumbi, em São Paulo — primeira vez no país em 15 anos. Contratos da turnê preveem camarins separados, transportes distintos e cronogramas individuais

para os dois irmãos.

No Spotify Brasil, “Wonderwall” ultrapassou 400 mil reproduções diárias, com pico de 458,4 mil em 15 de julho — volume que supera com folga os 122 mil do período dos shows em São Paulo. Desde o início da Copa, em 11 de junho, a faixa acumula aumento de 142% em reproduções no país. Tornou-se a faixa de catálogo internacional mais bem posicionada no Top 200 do Spotify Brasil em 2026, à frente de “Billie Jean”, de Michael Jackson (#16), e “Babydoll”, de Dominic Fike (#24). Nos mercados globais, figurou entre as mais ouvidas nos EUA (#6), Brasil (#8), Canadá (#11), Itália (#12), Alemanha (#16), Espanha (#19) e Austrália (#19). Noel Gallagher classificou o coro dos torcedores como um “momento mágico” e disse que a canção agora pertence ao povo. Noel e Liam são fãs inveterados de futebol e torcedores fanáticos do Manchester City, um gigante do futebol inglês.

A ironia é típica do ácido humor britânico. A Inglaterra sonhava com o título mundial pela primeira vez desde 1966 e volta para a amargura da fila de espera. E o Oasis, banda que encarnou como poucas a ambição e a frustração do rock inglês dos anos 1990, viu sua canção mais conhecida alcançar o topo das paradas tanto tempo depois de lançada. “Wonderwall” venceu.

Ampliando os limites do forró

Trio mineiro Manacá da Serra leva guitarra, baixo, bateria e outros instrumentos a 'Déja Vu', seu segundo álbum de estúdio

AFFONSO NUNES

O trio mineiro Manacá da Serra acaba de lançar "Déja Vu", segundo álbum de estúdio do grupo formado por Bárbara Barcellos (voz e triângulo), Theo Lustosa (sanfona) e Dil Brasil (zabumba). Com nove faixas, o trabalho amplia a ponte musical que o grupo mantém entre Minas Gerais e o Nordeste — e estreia uma rota inédita até Sorocaba (SP), base do produtor Gustavo Marques, que assume pela primeira vez a parceria com o trio. A coprodu-



O Manacá da Serra faz a ponte musical entre Minas e o Nordeste em 'Déja Vu'

ção e direção artística ficam com Theo Lustosa.

Das nove faixas, oito são autorais — seis inéditas e duas regravações — e uma é de Affonsinho Heliodoro, parceiro recorrente na trajetória do grupo, autor de "Vagalumes". A conexão entre Minas e Nordeste, marca

do grupo, é notória em "Coisa de Maria, Coisa de José", com o grupo pernambucano Banda de Pau e Corda, na voz de Sérgio Andrade, e a viola do também pernambucano Renato Bandeira.

A cantora Janayna Pereira, nome de destaque do forró contemporâneo, divide os vocais com Bárbara em "Vagalumes". Fran Nóbrega, instrumentista ativa na cena paulistana, partici-

pa de "Quando Vem". Jorge Continente entra no pífê de "Cadê Neném", único instrumental do álbum, homenagem ao filho de Bárbara e Theo.

Merece destaque a presença de Dominginhos em "Menino Angola". O lendário sanfoneiro, falecido em 2013, teve a voz recuperada a partir de gravação anterior e sobreposta ao canto de Bárbara, criando um dueto



virtual que o grupo trata como homenagem ao mestre. A canção, parceria de Theo Lustosa com Paulinho Motta, já havia sido gravada por Dominginhos em dueto com Zeca Baleiro.

O Manacá tira o chapéu reverenciar o forró clássico, mas segue adiante ao introduzir guitarra, baixo, flauta e bateria junto aos instrumentos que formam a santíssima trindade forrozeira. "Festejo Latino-América", faixa de encerramento, traça um percurso de congados e marujadas mineiras até ritmos do Caribe. "Lilith", regravação de canção popular nos forrós de Itaúnas (ES), ganha nova leitura. "Cartas de Amor" reflete sobre o lugar do clichê na canção popular.

"Déja Vu" sucede o EP "Jangada" (2025) e o álbum "Trio" (2023). O Manacá da Serra se firma como um dos grupos que ampliam os limites do forró.

CRÍTICA DISCO | NENÊ TRIO

Por AQUILES RIQUE REIS*

Um trio modelar

Hoje trataremos de um álbum que traduz a trajetória de um dos maiores bateristas da música contemporânea. Um gaúcho que brilhou vida afora pela sua visão absolutamente sem parti pris do seu instrumento. Assim é Nenê, nascido Realcino Lima Filho, baterista, compositor e arranjador, cujo show do seu Nenê Trio foi gravado ao vivo no Sesc Pinheiros em 2010. Ouça o álbum em <https://sl1nk.com/atkcun>.

Naquele momento, em plena ascensão musical tanto em forma quanto em conteúdo, mostrava-se viva a força criativa de Nenê, marcada por uma radicalização absurda do jeito de lidar com as peças da bateria. Sempre gerando novidades rítmicas, mas sem deixar de lado a sua visão da pluralidade a música brasileira, Nenê seguiu sua história.

"Sessões Selo Sesc #18: Nenê Trio (ao vivo no Sesc Pinheiros 28.7.2010)" reúne quatro peças de autoria de Nenê que, ao lado de Alberto Luccas (contrabaixo) e Irio Júnior (piano), encontra o fio de ouro que embala seu talento. Os arranjos, intensos e bem elaborados, são revelados por instrumentistas que os fazem soar com total atualidade — e o registro rolou... há dezesseis anos.

Enquanto ouvia, eu matutava: o que Nenê pensa sobre essa defasagem temporal? Será que hoje ele criaria arranjos como aqueles? Ele se sente tão criativo hoje quanto em 2010? Aquela identidade sonora ainda o representa?



Sem cerimônia, encaminhei-lhe as dúvidas. Gentilmente, Nenê respondeu: "Percebo uma mudança significativa na forma como o trio compreende e interpreta essas composições hoje. Se, em 2010, a preocupação estava voltada principalmente para evidenciar a brasilidade do trabalho,

hoje a música ganhou uma dimensão mais universal, profundamente influenciada pela convivência e pelos ensinamentos de Hermeto Pascoal. Naquela época eu sentia uma atitude musical mais preocupada com a brasilidade. Hoje buscamos algo mais universal, mais próximo da forma como Hermeto nos ensinou a pensar e tocar música. Tocamos de uma maneira mais densa. Essa maturidade se reflete em todo o repertório, que passou a ser executado com maior unidade estética e conceitual. Um exemplo é 'eu Acho Que Você Devia Comprar o Contrabaixo', composição que evoluiu de uma abordagem mais aberta para uma construção

mais organizada, incorporando trechos de arranjo cuidadosamente escritos sem abrir mão da improvisação. A música continua muito livre, mas hoje a composição está mais organizada. Conseguimos equilibrar melhor a espontaneidade com uma estrutura mais definida."

Lucidez total! A música agradece a Realcino Lima Filho, o Nenê, e a seu trio.

Ficha técnica

Alberto Luccas: contrabaixo; Irio Júnior: piano; Nenê: bateria. Alberto Ranelucci: mixagem; Carlos Ezequiel: masterização; Carlos Ezequiel, da Engrenagens Produções: produção; Alexandre Calderero: projeto gráfico. Gravado ao vivo no Teatro do Sesc Pinheiros em 28 de julho de 2010.

*Vocalista do MPB4 e escritor



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Chegou a época do ano em que os nerds de raiz saem da toca e tornam San Diego o epicentro de suas vidas (e de sua cultura), mesmo que só online: é tempo de Comic-Con. Maior vitrine da nerdice mundial, abrangendo HQs, games, RPG, séries e (sobretudo) cinema, a convenção mais pop do planeta abre suas portas entre os dias 23 e 26 de julho, nos EUA, reafirmando seu peso como termômetro da indústria do entretenimento. Uma das atrações mais aguardadas desta edição é a celebração dos 40 anos de “Highlander – O Guerreiro Imortal” (“Highlander”), que fez Christopher Lambert virar um queridinho do povão em 1986. Mas o memorialismo é só um detalho do evento, que conta com a presença maciça dos grandes estúdios, sobretudo numa de suas salas maiores, o Hall H, que abriga uma maratona de anúncios, trailers, encontros com elencos e apresentações exclusivas.

Criada em 1970, a Comic-Con Internacional de San Diego nasceu como uma convenção dedicada aos quadrinhos e tornou-se o maior encontro de cultura pop do planeta. Hoje, reúne cinema, televisão, HQs, animação, mangás, games, literatura fantástica, brinquedos, colecionismo e cosplay, movimentando centenas de milhares de visitantes e gerando um impacto econômico superior a US\$ 160 milhões para a Califórnia. Além de organizar a WonderCon e conceder anualmente os tradicionais prêmios Inkpot e Eisner, o evento consolidou-se como o principal palco para definir tendências da indústria do entretenimento.

O principal chamariz de 2026 é a aguardada apresentação da Marvel Studios, marcada para sábado, quando o presidente Kevin Feige deve detalhar os próximos passos do Universo Cinematográfico Marvel, com destaque para “ Vingadores: Destino ” (“ Avengers: Dooomsday ”), hoje tratado como o maior lançamento do estúdio desde “ Ultimato ” (“ Avengers: Endgame ”), em 2019. Nesse novo longa, Robert Downey Jr. vira Victor Von Doom, o Dr. Destino.

A DC também chega forte à convenção. Entre as atrações mais



Nerds das mais variadas idades lotam San Diego para a convenção criada em 1970

Tempo nerd

Celebrando aniversários de pérolas como ‘Highlander’ e ‘O Labirinto do Fauno’, a Comic-Con San Diego abre suas portas no dia 23 dedicada ao que promete ser a coqueluche pop de 2026



Foi em meio a uma Comic-Con que Robert Downey Jr. revelou ser Destino



40 anos de Highlander no radar

aguardadas está o painel da série da HBO Max “Lanternas” (“Lanterns”), além da animação “Batman: Queda do Morcego – Parte 1” (“Batman: Knightfall Part 1”) e

da terceira temporada de “Minhas Aventuras com Superman” (“My Adventures with Superman”), consolidando o esforço do estúdio para ampliar seu universo audiovisual.

A programação televisiva segue robusta com apresentações do projeto de teledramaturgia “Blade Runner 2099” (com Michelle Yeoh); da terceira temporada de “O Senhor dos Anéis: Os Anéis de Poder” (“The Lord of the Rings: The Rings of Power”); da terceira temporada de “The Walking Dead: Dead City”; da nona temporada de “Rick and Morty”; e do universo “Star Trek”, em sua Enterprise incansável. Conte ainda com as novas produções da Apple TV+, entre elas “Silo”, “Widow’s Bay”, “Mayday” e “Matchbox”. A animação ocupa espaço privilegiado nesta edição. Além da comemoração dos dez anos de “My Hero Academia”, haverá painéis dedicados ao novo longa de “Avatar Aang: A Lenda de Aang” (“Avatar Aang: The Last

Airbender”), ao Studio Ghibli e à série “X-Men ‘97”, reafirmando o vigor do segmento dentro da convenção.

O cinema também ganha homenagens especiais. Guillermo del Toro participa da celebração do aniversário de 20 anos de “O Labirinto do Fauno” (“Pan’s Labyrinth”), enquanto “S.O.S. – Tem um Louco Solto no Espaço 2” (“Spaceballs 2”), calcado no cult de Mel Brooks, terá uma sessão exclusiva para o público do Hall H.

A versão brasileira dessa farra, a Comic Con Experience 2026, vai ocorrer de 3 a 6 de dezembro, no São Paulo Expo. A direção já confirmou a presença de Elijah Wood, o Frodo. A convenção paulistana vai anunciar novos convidados e painéis nas próximas semanas.



Haneke dirige Fantine Harduin e Jean-Louis Trintignant em 'Happy End'

HANEKE no fio da navalha

Regresso ao circuito de 'A Professora de Piano' atrai holofotes para a obra do oscarizado diretor austríaco, afastado das telas desde 2017, mas onipresente no streaming

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Teste para nervos vulneráveis a condições anormais de temperatura e pressão afetivas, "A Professora de Piano" ("La Pianiste") foi um dos achados do Festival de Cannes de 2001 e volta ao circuito exibidor neste fim de semana, num regresso comemorativo de seus 25 anos. Há um quarto de século, a Croisette contemplou esse longa-metragem com uma dupla láurea de Melhor Interpretação, dado à diva Isabelle Huppert e a Benoît Magimel. Coube ainda o Grande Prêmio do Júri cannoise para seu diretor, o austríaco Michael Haneke, hoje aposentado (ao que parece), aos 84 anos. A chance de rever a essa produção na telona alerta para a ausência de novos títulos desse aclamado cineasta, agraciado duas vezes com a Palma de Ouro, por "A Fita Branca", em 2009, e por "Amor", em 2012 – que lhe valeu ainda um Oscar. Desde 2017, ele não lança nada, sendo evocado mais por exposições especiais e pelas plataformas digitais. Há uma nova leva de produções dele no streaming brasileiro.



'Caché', de 2005, pode ser visto via Amazon Prime ou encontrado na Reserva Imovision



Isabelle Huppert observa Benoît Magimel com lascívia em 'A Professora de Piano'

No Reserva Imovision, rolam "71 Fragmentos de uma Cronologia do Acaso" (1994), "Violência Gratuita" (1997), "Código Desconhecido" (2000) e "Caché" (2005).

Suas duas Palmas podem ser encontradas na Amazon Prime, onde também se aluga seu último filme (até agora): "Happy End". Essa produção de US\$ 13 milhões estreou

em outubro de 2017 na França e vendeu cerca de 50 mil ingressos já na largada, com um número pequeno de cópias.

Trata-se de uma cartografia das

patologias europeias tem foco numa aristocrática família francesa. Jean-Louis Trintignant (de cults como "Z") brilhou no papel de Georges, o patriarca do clã dos Laurent, que tem (a já citada) Isabelle Huppert e Mathieu Kassovitz entre os parentes.

"Michael é tão rígido que, numa cena de 'Amor', em que contracenou com um pombo, tive a sensação de que ele pretendia dirigir o pássaro", disse Trintignant ao Correio da Manhã, em Cannes, quando "Happy End" disputou a Palma dourada.

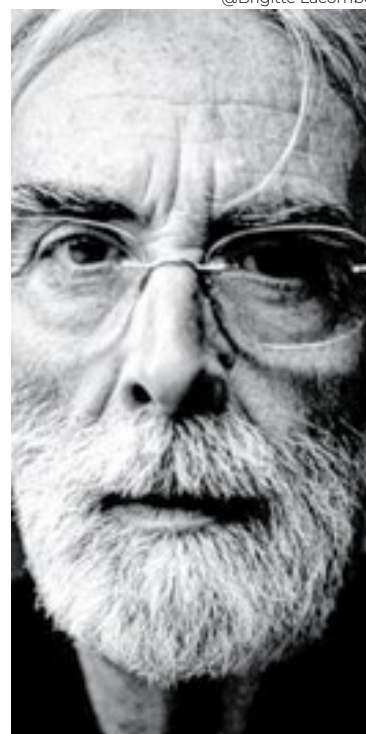
Numa direção cirúrgica, pausada por um clima de tensão econômica crescente, Haneke cria em "Happy End" a crônica da atomização da burguesia no Velho Mundo, a partir da erosão afetiva e financeira dos Laurent, entre tragédias e processos judiciais, ligados à presença ilegal de estrangeiros no Velho Mundo. Já no início, o cineasta monta uma sequência sombria: uma menina filma num i-Phone um jogo cruel com um hamster alimentado com comprimidos de dormir. É uma metáfora para a opressão dos pobres. E essa tensão se processa em meio ao casamento da personagem de Isabelle com um empresário inglês, vivido por Toby Jones.

"Falam muito de que eu carrego uma mirada pessimista. Não concordo com a ideia de que eu seja descrente na humanidade, mas existe um olhar de total ingenuidade em relação às tensões econômicas à nossa volta. Pessoas são tratadas como coisas e como negócios. A pobreza gera ódio sob a total inadiplência do Estado em relação aos afetos alheios", disse Haneke em Cannes. "Famílias como o clã Laurent estão por aí ao nosso lado exercendo controles. O suspense que eu gero ao falar deles se baseia na observação".

É possível ver "Happy End" na Apple TV também. "Temos informação demais no mundo contemporâneo, com muitas perspectivas e opiniões diversas que parecem postulados de verdade e isso nubla nosso senso do Real. Este filme é um esforço de estudar as sequelas do excesso", disse Haneke, quando o longa entrou em cartaz em Paris.

Acerca de "A Professora de Piano", que vai agitar o Estação nesta sexta, o longa também está no Reserva Imovision. Apesar disso, a chance de vê-lo em um cinema é preciosa. Na trama, a rígida Erika (La Huppert) ensina piano no Conservatório de Viena. Solteirona, ela compartilha a mesma cama com sua mãe possessiva (papel de Annie Girardot), num amor filial-maternal que rapidamente se transforma em violência. Às vezes, Erika foge para assistir a filmes pornográficos ou satisfazer seus desejos voyeurísticos. Sempre que precisa tocar em seu sexo, ela o faz para se mutilar, sem dó. Rejeita todo sentimentalismo até o dia em que um jovem, Walter Klemmer (interpretado por Benit) mexe com seus instintos e bagunça suas certezas. Aí é Haneke na veia... no fio da navalha.

@Brigitte Lacombe



Michael Haneke viveu cerca de duas décadas de apogeu entre o fim de 1990 e 2017

Divulgação

Divulgação



Sara Hana, Hugo Germano e Alexandre Dantas são sócios da 'É o Fim Ltda', empresa especializada em velórios customizados

Velórios e negócios

Comédia musical 'É O Fim Ltda' traz uma reflexão bem humorada sobre a finitude

Três empreendedores recebem o público como clientes VIP para o lançamento de uma startup de velórios personalizados. Apresentam planos funerários, modelos de despedida e um serviço chamado "Teste Drive Gurufim", que permite experimentar diferentes estilos de velório antes da "derradeira hora". O que eles não sabem — e a plateia só descobre aos poucos — é que sofreram um acidente a caminho do evento e já estão mortos.

Assim é "É O Fim! Ltda", comédia musical inédita da CiaFaláCia que estreia nesta quinta

(23) no Teatro II do Sesc Tijuca. Para a companhia fundada em 2008 por Alexandre Dantas e Claudia Ventura, a montagem marca dois marcos: é o sétimo espetáculo do grupo e o primeiro com texto autoral. Até aqui, a CiaFaláCia trabalhava com adaptações de autores da literatura em língua portuguesa — Machado de Assis, Arthur Azevedo, Rubem Fonseca, entre outros.

Dantas assina a dramaturgia e divide o palco com Hugo Germano e Sara Hana. A inspiração partiu de um cruzamento inesperado. O dramaturgo queria revisitar "Cyrano de Bergerac", de Edmond Rostand, a partir de uma perspectiva brasileira e musical. O que o levou ao gurufim — tradição marcada por música, comida e confraternização em torno da partida de alguém. "A ideia do gurufim me encantou porque apresenta outra forma de olhar para a despedida", explica Dantas. "A passagem não precisa ser apenas tristeza; ela também pode ser celebração, memória e convivência", defende.

“A ideia do gurufim me encantou porque apresenta outra forma de olhar para a despedida. A passagem não precisa ser apenas tristeza; ela também pode ser celebração, memória e convivência”

ALEXANDRE DANTAS

A dramaturgia alterna tempos narrativos, cruzando a história dos personagens com os acontecimentos que antecedem o lançamento da empresa. "Fui escrevendo histórias paralelas e encontrando os pontos onde elas se cruzavam. A peça nasceu dessa mistura de tempos, dessa vontade de interromper uma narrativa para que a outra pudesse iluminá-la", conta Dantas, que descreve o processo como um quebra-cabeça.

Escrever para intérpretes conhecidos foi outro eixo do projeto. Dantas desenvolveu os personagens pensando nas vozes

de Germano e Hana, com quem mantém relação profissional longa. "Enquanto criava os personagens, eu conseguia ouvir suas vozes e imaginar suas intenções dentro de cada cena", conta. O elenco de três atores concentra toda a ação, sustentada por doze canções inéditas compostas por Alfredo Del-Penho.

A direção geral é de André Paes Leme, com Claudia Ventura como diretora assistente. Paes Leme é parceiro artístico de longa data da companhia, e sua trajetória com a comédia física complementa o trabalho de Ven-

tura, que assume o refinamento da atuação. "O que eu empresto dessa experiência como atriz é uma escuta, um ouvido treinado para esse tempo", diz Ventura, referindo-se à relação entre humor e ritmo musical. A diretora aprendeu a explorar o exagero e a distorção cômica no espetáculo "Amor Confesso" (2010), dirigido por Inez Viana — momento em que a companhia mudou sua abordagem textual, passando a lidar com o texto de forma mais despidorada.

Para o grupo, a montagem representa um retorno a essa veia cômica após experiências com drama e tragédia, incluindo uma comédia física inspirada na bossa nova, apresentada no Sesi Cultural em 2017. Ventura descreve o momento como um "caminho de volta" às origens do grupo. A peça celebra ainda 36 anos de parceria entre ela e Dantas e os 18 anos da CiaFaláCia.

"É O Fim! Ltda" chama atenção por conta da inversão narrativa. O público acredita estar diante de uma sátira empreendedora e descobre, no percurso, que acompanha personagens já mortas em sua própria despedida, fazendo da comédia uma reflexão sobre a finitude.

SERVIÇO

É O Fim! LTDA

Teatro II do Sesc Tijuca (Rua Barão de Mesquita, 539)
De 23/7 a 16/8, quinta a sábado (19h) e domingos (18h)
Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia), R\$ 21 (sócio Sesc), R\$ 27 (convênios) e grátis (PCG)



Os produtores podem customizar as barricas escolhendo os tipos de carvalho e de pedra

A revolução refrescante do vinho

Barricas híbridas de carvalho e pedra desenvolvidas por tanoaria austríaca potencializam as características da fruta

AFFONSO NUNES

O mundo do vinho vive um momento de transformação profunda. Durante décadas, o amadurecimento em barricas de carvalho foi quase sinônimo de sofisticação e qualidade. Contudo, uma nova geração de produtores e consumidores passou a buscar algo diferente: vinhos mais

frescos, mais precisos e com maior expressão de fruta e terroir. É nesse contexto que surge uma das inovações mais interessantes da enologia recente: o barril híbrido criado pela tanoaria austríaca Schön. Batizado de “Hybridfass”, o recipiente combina dois materiais aparentemente opostos — madeira e pedra — numa tentativa de unir o melhor dos dois mundos. A ideia nasceu das mãos do tanoeiro Manuel Schön, representante da

quarta geração da família à frente da empresa localizada na Baixa Áustria. O projeto foi desenvolvido diante do crescente interesse do mercado por recipientes alternativos, como ânforas de barro, ovos de concreto e fermentadores de cimento. Tradicionalmente, a barrica de carvalho desempenha um papel fundamental na evolução do vinho. Ela permite micro-oxigenação gradual, ajudando a suavizar taninos e aumentar a complexidade aromática. Além disso, a madeira transmite notas de baunilha, especiarias, café e tostado. O problema é que, em

excesso, essas características podem mascarar a fruta e reduzir a identidade da personalidade do vinho, o chamado terroir. A proposta do barril híbrido é justamente equilibrar essas forças. Segundo Schön, a pedra funciona como um “elemento calmante”. Diferentemente da madeira, ela praticamente não permite passagem de oxigênio e não interfere com aromas tostados. Isso cria um ambiente mais neutro e estável, favorecendo a pureza aromática e a precisão da fruta. Ao mesmo tempo, a presença parcial do carvalho mantém a

micro-oxigenação responsável pela textura sedosa e pela evolução elegante do vinho, amaciando a aspereza dos taninos. Tecnicamente, o conceito faz sentido dentro da tendência atual da vitivinicultura premium. O mercado internacional passou a valorizar vinhos menos marcados pela barrica e mais orientados pela mineralidade, frescor e transparência do terroir. Em vez de potência excessiva, muitos consumidores buscam tensão, elegância e definição aromática. Esse perfil beneficia especialmente castas delicadas ou de forte expressão territorial, como as tintas Pinot Noir, Nebbiolo, Sangiovese e as brancas Riesling e Chardonnay. Também existe grande potencial para produtores de vinhos naturais ou de mínima intervenção. Além disso, os produtores podem escolher diferentes tipos de carvalho, níveis de tostagem e até tipos de pedra, como granito ou ardósia, cada qual oferecendo com características distintas ao vinho. Apesar do entusiasmo, as limitações para a proliferação do barril híbrido são grandes. A começar pelo preço salgado. Cada barril custa cerca de €1.200 para 225 litros e pesa aproximadamente 88 quilos a mais que uma barrica convencional, o que restringe sua adoção inicial a vinícolas premium e produtores experimentais. Além disso, ainda não existem estudos que comprovem se esses benefícios sensoriais se mantêm consistentes ao longo do tempo. Talvez o barril híbrido não substitua as barricas tradicionais. Mas pode inaugurar uma nova categoria de envelhecimento, alinhada ao desejo crescente por vinhos mais puros, vibrantes e transparentes.

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR NATASHA SOBRINHO



Tomás Rangel/Divulgação

Festival de Ramen

O Pabu Izakaya apresenta seu Festival de Ramen, com cinco receitas: o tradicional Ramen de Porco; o Gyokai Kare Ramen (caldo de curry de peixe e lagostim, peixe, camarão, ovo perfeito, alga e brotos); o Kinoko Ramen (cogumelos salteados); o Gyoza Hell-Men (caldo de porco e frango, gyoza de porco, chili oil, ovo perfeito e picles de cebola); e o Wagyu Mapo Tofu, preparado com ragu de wagyu, creme de tofu cremoso e cebolinha. O epuron, avental utilizado para proteger a roupa nas refeições, será entregue para completar a experiência.



Divulgação

Essência peruana

Os jardins do Museu da República, no Catete, recebe neste fim de semana (sábado, 25, e domingo, 26, das 9h às 18h) a terceira edição do Festival Peruano. Com entrada gratuita, o evento reúne gastronomia, música, dança, artesanato, turismo e manifestações culturais em uma grande celebração da identidade peruana. A gastronomia será um dos grandes destaques da programação. Restaurantes especializados apresentam pratos tradicionais, permitindo ao público experimentar diferentes sabores dessa rica tradição culinária.



Divulgação

Pizzas à francesa

O restaurante Signatures, do Cordon Bleu, promove nesta semana, de quarta a sexta (22 a 24), das 19h às 22h, um Festival de Pizzas com receitas exclusivas criadas pelos chefs da casa. Preparadas com massa de fermentação natural, ingredientes selecionados e técnicas da gastronomia francesa, as opções incluem os sabores Brie, Mel de Terroir e Nozes, Serra da Mantiqueira e Parma, Burrata e Tomates Confitados. As pizzas poderão ser degustadas no salão ou pedidas pelo iFood e Rappi durante o festival.

FOTOCRÔNICA | CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

A delícia do sotaque mineiro

Vem devagar, sem fazer barulho. Como café coado na hora. Como pão de queijo saindo do forno. Não invade a conversa. Pede licença, senta na varanda e, quando a gente percebe, já virou companhia.

Em Minas, as palavras parecem caminhar mais devagar. Não por preguiça. Por sabedoria. Há quem diga que o mineiro engole sílabas. Eu prefiro acreditar que ele guarda um pedaço delas para o próximo encontro.

Basta ouvir um “uai” para saber que existe afeto na frase. O “trem”, então, resolve qualquer assunto. Trem é objeto, lembrança, problema, solução, alegria. Cabe o mundo inteiro dentro dessa palavra. E quando alguém pergunta “ocê tá bão?”, não está apenas querendo uma resposta. Está oferecendo um pouco de atenção.

Tem ainda o “sô”, que aproxima as pessoas, o “arreda”, o “cadim”, o “loguim”, o “mexe com isso não”, o “cê acredita?”. Expressões que parecem nascer do fogão a lenha e ganhar a estrada antes de chegar aos dicionários.

O mineiro conversa como quem borda; sem pressa, ponto por ponto.

Talvez por isso Minas tenha produzido tantos artistas capazes de transformar delicadeza em obra.

Nas montanhas nasceram versos de Carlos Drummond de Andrade, que fez de Itabira um lugar eterno. Adélia Pradodescobriu poesia nas panelas, nas janelas e na fé cotidiana. João Guimarães Rosa reinventou a língua portuguesa para contar a grandeza do sertão, provando que as palavras também podem galopar.

Na música, Minas aprendeu cedo que silêncio também é melodia. Milton Nascimento deu voz às montanhas. Lô Borges, Beto Guedes, Toninho Horta, Tavinho Moura, Fernando Brant e tantos outros transformaram amizade em canção e fizeram do Clube da Esquina um lugar onde o Brasil inteiro ainda gosta de se encontrar.

Entre eles estava Tavito, um compositor que parecia escrever com a serenidade das tardes mineiras. Em “Rua Ramallete”, fez de uma simples rua um endereço da memória afetiva. Em “Casa no Campo”, ajudou a compor um sonho que continua atual: viver onde a vida tenha tempo para acontecer. Suas canções nunca precisaram levantar a voz. Bastava um violão, uma boa melodia e uma verdade bem colocada.

Talvez seja esse o segredo de Minas. Nada precisa ser exagerado. A paisagem não grita. Encanta. O povo não faz alarde. Recebe. O sotaque não impressiona. Abraça.

Percorrendo as estradas das Gerais, entre cidades históricas, montanhas cobertas de neblina e pequenas praças onde ainda se conversa no fim da tarde, percebe-se que o charme mineiro não mora apenas na arquitetura colonial nem na comida servida em fogão de lenha. Mora na maneira de falar.

Cada palavra parece carregar um pouco da terra vermelha, do cheiro de café recém-passado, do sino da igreja marcando as horas e da hospitalidade de quem sempre encontra mais uma cadeira para o visitante.

Quando chega a hora da despedida, o mineiro raramente diz apenas “até logo”. Quase sempre emenda um “aparece lá em casa”, mesmo que a casa fique do outro lado da serra. E a gente acredita que o convite é verdadeiro. Porque é. Talvez seja por isso que quem conhece Minas leva embora muito mais do que fotografias.

Leva um punhado de expressões que acabam escapando na primeira conversa. Leva o gosto de um queijo curado, o cheiro do café, a lembrança de uma boa prosa e a certeza de que existe um lugar onde as palavras ainda têm tempo para amadurecer.

E, no fundo, é esse o maior encanto do sotaque mineiro. Ele não fala apenas aos ouvidos. Fala diretamente ao coração.

